

Rica ressurgira, com os seus coches dourados e com os seus fidalgos num dos dias gloriosos do Triunfo Eucarístico, mas, aos poucos, suas luzes se amorteceram, no silencio da noite, e a velha cidade dos conspiradores entrou a dormir, no tapete glorioso de suas recordações, o sono tranquilo dos seus sonhos mortos.

21 de Abril de 1937.

O PROBLEMA DA LONGEVIDADE

Os cientistas de todos os continentes se interessam no mundo pela solução do problema da longevidade humana. A maneira do doutor Fausto, ensandecem as suas faculdades intelectivas, buscando o ambicionado xarope miraculoso. Corações de cães e de galinhas são objeto de experimentos fisiologicos e não faz muitos anos o dr. Voronoff andava pelo mundo com a sua gaiola de símios, vendendo o elixir prodigioso da juventude aos velhos gozadores da vida. Agora, um dos seus continuadores, o dr. Alexis Carrell, em cooperação com Lindbergh, inventou um aparelho para investigar a vida das celulas e a produção de hormônios, onde se encontra vivo o coração de uma gato,

pulsando indefinidamente, esquecido de morrer, certamente enganado com a temperatura do recipiente de vidro que o encerra.

Nos ultimos tempos, é o professor Woodruff o iniciador de experiencias novas. Cultivando carinhosamente um microbio e sua progenie, no laboratorio de suas pesquisas científicas, todos os dias transforma o ambiente do microbio estudado, mudando a gota de agua e o tubo que constituem o seu grande mundo lili-putiano, tendo reptido essa experiencia mais de mil vezes, constatando a imortalidade de seu paciente e guardando a esperança de poder aplicar os seus estudos ás criaturas humanas, criando uma nova teoria da longevidade, com a eliminação dos residuos celulares do organismo, olvidado, porém, de que as celulas cerebrais do homem, elementos constitutivos do aparelho mais delicado de manifestação do espirito dos seres racionais, não são suscetiveis de nenhuma alteração no decurso da vida. Os corpusculos do cerebro nunca se reproduzem. Podem os cientistas imitar todos os fenomenos da natureza. Um coração humano pode saltar numa retorta de laboratorio. Os rins e o fígado podem segregar os seus produtos especificos, separados do corpo, mas os estudiosos do mundo inteiro jamais poderão fazer pensar o cerebro de um cadaver.

Todas essas atividades da ciencia moderna, através de movimentos mecanicos, poderão organizar novos sistemas terapeuticos, mas nunca afastar do coração inquieto dos homens o gladio afiado da Morte.

A par dos professores, cujas teses objetivam a prolongação da existencia das criaturas, temos os politicos nacionalistas, incentivando a natalidade, como Mussolini, instituindo premios para as mães italianas e conquistando, a ferro e fogo, o territorio abissinio, afim de localizar os súditos do novo imperio.

É verdade que o "crescei e multiplicai-vos" representa um imperativo das leis divinas, mas é necessario saber-se o "como" dessa conciliação do espirito com a natureza. Os homens tentaram organizar, em todos os tempos, um codigo de moral, para que os imperativos evangelicos da multiplicação se cumprissem com decencia e pureza. As igrejas criaram o casamento religioso e os legisladores o matrimonio civil. Houve tambem os que tentaram organizar, nesse sentido, uma diretriz de ordem economica, como os ingleses, que instituiram o "birth control". Mas, eu não voltaria do mundo das sombras ignoradas, para fazer a apologia de Roberto Malthus e sim para perguntar se valeria a pena conservar-se indefinidamente

a vida do homem, sobre o vale de lagrimas do Salmista.

Quando ainda não se resolveu o problema do pão de cada dia, quando ha multidões de famintos e de desesperados, quando a sociologia não passa de palavra a ser interpretada, é lícito cogitar-se da longevidade das criaturas? Se vingassem as teorias modernas, teriamos igualmente a eternização do egoismo, da ambição e do orgulho, porque cada um não cogitaria senão da sua propria immortalidade.

As atividades inoportunas de semelhantes cogitações, no objeto de se fazer de cada homem um Mathusalem, sobre a terra, são a criação incessante dos institutos da Morte. A politica, que incentiva a natalidade, não quer a criança, senão para fazer dela, mais tarde, um soldado ou uma vivandeira, de acordo com a determinação de seu sexo. O monstro da guerra ai está ainda, como a Hidra de Lerna, envolvendo todos os povos do planeta nos seus tentaculos destruidores.

Todos os progressos da civilização se canalizam para esse gosto homicida. O animal politico de Aristoteles não vive senão para destruir os seus semelhantes e, nos departamentos de guerra de todos os paizes, existem os tecnicos de novos aparelhos de destruição.

Nestes ultimos tempos, um ilustre medico

européu inventou piedosamente uma espécie de máscara protetora, contra todos os gases mortíferos conhecidos. Apresentando o invento humanitário ao seu diretor de laboratório, obteve uma resposta curiosa:

— “Muito bem, meu amigo. A tua criação merece o apoio do governo e a admiração de teus colegas; todavia, é preciso agora que utilizes as tuas faculdades inventivas na criação de um gás mais poderoso do que essa máscara e que a possa inutilizar no momento oportuno”.

É dentro dessa mentalidade que se desdobram as atividades humanas.

Os cientistas que desejarem prestar o concurso dos seus conhecimentos á humanidade devem ocupar-se de problemas menos complexos do que o da inconveniente longevidade das criaturas.

Antes de tudo, é necessário educar-se o espírito, para o saneamento moral da vida das coletividades. Quando o homem conhecer a sua condição de usufrutuário do patrimônio divino, as armas da ambição, do egoísmo e do orgulho estarão ensarilhadas para sempre. A morte, nesse plano ideal de conhecimento superior, deixará de ser a espada de Damocles, no banquete da vida, porquanto não mais existirá na

imaginação das criaturas, integradas no conhecimento de sua imortalidade espiritual.

Os cientistas que esudam a longevidade do corpo são os que tateiam voluntariamente nas sombras da noite, desaparecidos de que as claridades do dia virão fatalmente iluminar-lhes o caminho na ascensão para Deus.

Que se desviem de semelhantes excentricidades, empregando os seus esforços na solução de problemas mais úteis e mais urgentes. Em vez de criarem novas teorias para que o mundo fique repleto de corpos imortais, seria melhor que cultivassem batatas, afim de que os pobres da Terra tenham um pão pela hora da vida.

30 de Abril de 1937.

O ELOGIO DO OPERÁRIO

Às portas do Céu bateram, um dia, um Político, um Soldado e um Operário. Mas, Gabriel, o anjo que na ocasião velava pela tranquilidade do Paraíso, não quiz atender-lhes ás rogativas, sem previamente consultar ao Senhor sobre aquelas tres criaturas recém-chegadas da Terra.

Depois de inquiri-las quanto ás suas ati-